



Subsídios Para a Lição da Escola Sabatina 3º Trimestre de 2008

LIÇÃO 7 – O APÓSTOLO JOÃO

Pr. Agenilton Marques Corrêa

Departamental de Jovens da Associação Baixo-Amazonas

I. O apóstolo João

João (do hebraico *Yehôjânân*, “Yahweh tem sido gracioso”) deve ter nascido por volta do ano 10 d.C., enquanto o grande Augusto, primeiro imperador romano, ainda ocupava o trono. Era oriundo de família devota aos princípios divinos e materialmente próspera (Mc 1:19-20), pois é bem provável que Zebedeu tivesse uma flotilha de barcos de pesca e vários empregados (Mc 1:20). Era filho de pai dedicado, Zebedeu (Mt 4:21), e de Salomé (Mc 16:1; Mt 27:56), mãe superprotetora e que auxiliava a pregação do Evangelho de Cristo (Lc 8:3; Mc 15:40-41). Após seu desastroso pedido a Jesus (Mt 20:20-21), para que Ele favorecesse seus filhos dando-lhes lugar de destaque no Seu reino, ela mudou de postura ao observar o Messias (Mt 27:56).

João era pescador de profissão e vivia em Cafarnaum. Há indícios de que ele tenha sido primo de Jesus, pois Salomé é identificada por alguns como sendo irmã de Maria, a mãe de Jesus, conforme João 19:25 (Cf. Mt 27:56, 61; Mc 15:40, 47). É um raciocínio incerto, porém não menos provável.

Após o batismo de Jesus, novamente ao se encontrar com Ele, João Batista afirmou ser Cristo “o Cordeiro de Deus” (Jo 1:29). Ali estava um ouvinte atento, João (Jo 1:37), que havia tirado uns dias de folga de seu trabalho de pescador para apreciar as pregações do profeta no deserto. Então, deparou-se com a declaração do profeta de que Jesus era o esperado Cordeiro. Ele teve a certeza de que Jesus era o Messias esperado. A partir daí, João passou a seguir Jesus com André, o irmão de Simão. João estava entre os dois “primeiros discípulos de Jesus.” Seu chamado é mais claramente descrito em Marcos 1:19-20. Depois, de acompanhar todo o ministério de Jesus, João se tornou um dos grandes líderes da igreja primitiva.

Ele estava entre os 120 crentes que foram alcançados pelo Espírito Santo no Pentecostes (At 2:1-4). Pode-se perceber que o apóstolo assumiu um importante papel de liderança na igreja, que estava no seu estágio inicial (At 1:13). Foi enviado juntamente com seu amigo Pedro para Samaria (At 8:14, 25), onde muitos foram evangelizados por eles. Em Jerusalém, foram considerados pilares da Igreja (Gl 2:9). João viajou para vários lugares da Ásia Menor, na condição de missionário, passando seus últimos dias em Éfeso, de onde escreveu seu Evangelho e suas cartas. Influenciou outros discípulos, como Policarpo, seu amigo íntimo e bispo de Esmirna até por volta de 155/6 d.C., Inácio bispo de Antioquia em 110-115 d.C., e Papias, bispo de Hierápolis por volta 130 d.C. (Há indícios de que ele tenha sido martirizado juntamente com Policarpo), conhecidos pais da igreja.

Alguns críticos sem sucesso apontam para evidências do martírio prematuro de João assegurando que ele teria morrido como mártir no início de sua carreira no tempo em que seu irmão Tiago foi morto à espada (At 12:2) por Herodes Agripa I, durante seu breve reinado (41-44 d.C.). Contudo, tal afirmação não tem sustentação e é, portanto, destituída de crédito. O que se sabe é que “João alcançou idade avançada.” Por volta de 94-95 d.C., João foi banido para a Ilha de Patmos, por decreto do imperador Domiciano, a fim de cumprir pena de prisão perpétua. Caso esteja correta a informação que Maxwell apresenta, então se pode dizer que, no ano 27 d.C., por ocasião do batismo de Jesus, João tinha 17 anos. Então se deduz que ele estivesse com 85 anos quando foi exilado em Patmos. Após seu exílio por mando do imperador Domiciano, recebeu anistia em 96 d.C. do imperador Nerva (sucessor de Domiciano). Regressou a Éfeso, onde viveu seus últimos dias. Irineu disse que João continuou vivo até os dias do imperador Trajano (que reinou de 98-117 d.C.). Segundo a tradição, seus seguidores o levavam à igreja e a pregação dele era apenas pedir que seus seguidores demonstrassem amor uns aos outros. Quando lhe perguntavam por que não dizia outra coisa, João teria respondido: “Porque este foi o único mandamento deixado pelo Senhor. Se obedecermos a este mandamento, não precisaremos de mais nada.” Conforme Polícrates (bispo de Éfeso (200 a.D.)), e cujas informações coincidem com as de Irineu, João teria sido sepultado na cidade e Éfeso.

II. Um chamado especial

Uma breve análise conclui que João tinha uma relação bastante amistosa com seus pais. Salomé deixa

clara sua preocupação com o bem-estar de seus filhos Tiago e João ao pedir que Jesus lhes concedesse lugares de primazia no reino de Cristo. João devia ter uma boa relação com seu irmão Tiago, o que se pode comprovar pela quantidade de citações em que os dois irmãos são vistos juntos. Certamente, foram companheiros constantes, sendo separados somente por ocasião da morte de Tiago (At 12:2). Todavia, João deixou o conforto de seu lar para viver uma vida de "incertezas" ao lado de um "Estranho." Mas o chamado de Cristo deve ter precedência sobre laços familiares (Cf. Mt 10:37). Assim, a autoridade de Ele se torna soberana na vida daquele que é chamado. A iniciativa de chamar é de Cristo, mas a decisão de seguir é de quem é chamado por Ele.

O chamado de João e dos demais apóstolos é desenvolvido em três estágios, segundo Dewey Molholland: (1) Jesus convida os discípulos (Mc 1:16-20); (2) Ele separa os Doze (3:13-19) e (3) os envia numa missão específica (6:6-8:26). Ele afirma ainda que essa é uma forma irônica de começar um reino, uma vez que ninguém estabelece um reino com alguns pescadores. O chamado de Jesus a João e aos demais contém um imperativo ("vinde") e uma promessa: ("Eu vos farei pescadores de homens"). Jesus chama alguém para um propósito.

Ellen White descreve com precisão a razão pela qual João e os demais foram chamados para ser pescadores de homens. Dela podemos extrair algumas lições preciosas para os modernos pescadores de homens.

Há um questionamento na escolha dos apóstolos feita por Cristo. Se Israel dispunha de homens de grande capacidade, por que Jesus escolheu homens simples? Três foram as razões principais: (1) "O Salvador não desprezava a instrução; pois, quando regida pelo amor de Deus e consagrada a Seu serviço, a cultura intelectual é uma bênção. Mas Ele passou por alto os sábios de Seu tempo, porque eram tão cheios de confiança em si mesmos, que não podiam simpatizar com a humanidade sofredora e tornar-se colaboradores do Homem de Nazaré. Em sua hipocrisia, desdenhavam ser instruídos por Cristo." (2) Outra razão é que Jesus escolheu homens ignorantes "porque não haviam sido instruídos nas tradições e errôneos costumes de seu tempo. Eram dotados de natural capacidade, humildes e dóceis – homens a quem podia educar para Sua obra." (3) Uma última razão é que Jesus preferia tomá-los como estavam para os educar "para Seu serviço", uma vez que se entregassem a Ele. O Espírito de Deus, recebido no coração, vivificará todas as faculdades. Sob a direção do Espírito Santo, o intelecto que se consagra sem reservas a Deus desenvolve-se harmonicamente e é fortalecido para compreender e cumprir o que Deus requer." Portanto, aquele que deseja ser um instrumento nas mãos de Deus para ser pescador de homens precisa ser destituído de si mesmo, aceitando as condições de Deus, a exemplo de João e dos demais que se deixaram ser instruídos pelos novos princípios do reino de Deus. Esse terá o coração aberto para a poderosa obra do Espírito Santo, que dará todas as orientações para que a obra de consagração pessoal e de conquista de pessoas seja bem sucedida.

Molholland assegura, ainda, que:

Seguir a Jesus é responsabilidade inadiável de todo aquele que se arrepende e crê no evangelho. O ato de seguir começa com o primeiro passo e segue pela vida toda de participação com Jesus em Sua jornada. O seguidor não sabe tudo que está envolvido no processo. Ele entenderá somente à medida em que prosseguir. Não se trata de envolvimento em um programa; não é aderir a uma causa, movimento ou instituição; nem seguir uma lista de regras. Na verdade, é devoção pessoal a Jesus. "Siga-Me" é a primeira e também a última palavra de Jesus a Seus discípulos (Cf. Mc 1:17; 16:7).

Aqueles a quem Jesus chamou para o apostolado, "o Salvador os amava a todos, mas João era o espírito mais apto a receber-Lhe a influência. Era mais jovem que os outros, e com mais infantil confiança abria a Cristo o coração." João, portanto, era por assim dizer, o mais especial discípulo de Jesus. Por essa razão é que "os mais profundos ensinamentos espirituais do Salvador" foram comunicados à humanidade por meio desse apóstolo.

Se Jesus chamou João, que era dotado de temperamento forte, então nosso chamado é possível, a despeito de nossas falhas. Os discípulos eram religiosos praticantes, como nós hoje nos declaramos. Todavia, o chamado para a missão vai além de filiação a uma comunidade religiosa. É resultado da filiação com Cristo, resultado de sentir amor pelas pessoas, como Cristo as ama, pois somente o amor a Cristo e ao próximo nos motivará a missão. Sempre que a palavra *apóstolo* aparece nos evangelhos, ela está em conexão com a missão. Portanto, a escolha de João como apóstolo de Cristo foi um passaporte para a missão. O chamado de Deus para nós sempre envolve a responsabilidade da missão de levar outros à satisfação de usufruir o dom da salvação em Cristo. Talvez seja por essa razão que Ellen White tenha escrito: "Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário. Aquele que bebe da água viva, faz-se fonte de vida. O depositário torna-se doador."

O peixe que João pescava lhe dava lucros temporários, ao passo que os "peixes" que ele passou a pescar são de valor eterno. O peixe apanhado pelo pescador João servia para alimentar famílias. Os "peixes" que Jesus queria que João pescasse alimentariam, após treinamento adequado, várias outras famílias com a carne de Jesus (Jo 6:54). A pescaria que João praticava no mar da Galiléia não era só uma atividade profissional, mas também lhe proporcionava o prazer de ser pescador. A pescaria sugerida por Jesus proporciona prazer inigualável. Uma rede cheia de peixes, ou mesmo um único anzol trazendo um belo peixe, é motivo de felicidade para o pescador, assim como ocorre quando pessoas são "pescadas" para o reino de Deus. Nada deve ser mais prazeroso para o cristão do que conquistar outros para Cristo. A satisfação de ver alguém que nada sabe sobre o Salvador Jesus, e passa a desfrutar da salvação deve promover prazer tal que nada pode substituir. Nossa missão é a continuidade da missão de Cristo. "Assim como Meu Pai Me confiou um reino, Eu vo-lo confio" (Lc 22:29). Nosso chamado está incluído na grande comissão (Mt 28:18-20). Desse modo, não precisamos aguardar um chamado especial, pois este já foi feito por Cristo. O chamado para a missão está em igualdade com o que João recebeu diretamente de Cristo. Nele, a tarefa está bem delineada com ênfase no *ir, fazer discípulos, batizar e ensinar*. Este chamado tem a aprovação de Cristo, e conseqüentemente a deliberação do Seu poder para a realização da obra por tempo indeterminado.

III. Filho do trovão

Jesus chamava João e seu irmão Tiago de *Boanerges* (Mc 3:17), palavra aramaica que significa "filhos do trovão" (ou ainda "filhos do tumulto," "filhos da ira"). Fica evidente que Cristo chamou João dessa forma em virtude de sua natureza impetuosa. Uma breve observação nos escritos neotestamentários revela esse temperamento de difícil controle. Foi João e seu irmão que propuseram mandar vir fogo do céu para consumir os samaritanos nada hospitaleiros (Lc 9:54). Foi João que tomou a iniciativa de tentar impedir um homem que estava expulsando demônios em nome de Jesus, tão somente porque não fazia parte do grupo dos discípulos (Lc 9:49). João e seu irmão tentaram tirar vantagem e garantir uma posição de destaque no reino de Deus, atraindo a insatisfação dos seus companheiros (Mc 10:35-45).

Juntamente com seu irmão Tiago, João tinha temperamento com tendência às explosões de cólera, sustentado por um gênio forte que o levava a ações impulsivas e irritadiças. As demais características de sua personalidade são ampliadas por Ellen White: "Não era de, si mesmo, dócil e submisso". Ele tinha mau gênio, era afeito à vingança, ao espírito de crítica, tudo se encontrava no discípulo amado. "Era orgulhoso e ambicioso de ser o primeiro no reino de Deus."

Maxwell conta: o que os atraiu inicialmente a Jesus foi o fato de que eles não mais suportavam as injustiças de Roma. Por essa razão, acreditavam que Jesus haveria de subverter o governo romano. Assim, eles desejavam lutar ao lado de Cristo, para em seguida governarem junto com Ele (Mc 10:35-45).

Felizmente, João se deixou ser conduzido por Jesus e teve seu caráter modificado à semelhança do caráter d'Ele. Quando alguém como João se deixa guiar pelo Espírito Santo de Deus "o caráter fraco e vacilante muda-se em outro forte e firme. A devoção contínua estabelece uma relação tão íntima entre Jesus e Seu discípulo, que o cristão se torna semelhante a Ele em espírito e caráter. Mediante ligação com Cristo, tem visão mais clara e ampla. O discernimento se torna mais penetrante, mais equilibrado o juízo. Aquele que deseja ser útil a Cristo é tão vivificado pelo vitalizante poder do Sol da Justiça, que é habilitado a produzir muito fruto para glória de Deus."

O caráter desse apóstolo foi radicalmente modificado. Gênio forte, ações impulsivas, orgulho exagerado, ambição, espírito de superioridade, agressividade, desejo de vingança, espírito de crítica, tudo foi modificado pela prática de uma lei de caráter espiritual que tem efeito transformador: a contemplação de Cristo. João é exemplo de desenvolvimento de uma natureza amorosa a partir da contemplação de Cristo. "É lei, tanto da natureza intelectual como da espiritual, que, pela contemplação, nos transformamos". E João foi transformado de "filho do trovão" (Mc 3:17) passando a ser alguém cuja principal característica era o amor. O conteúdo principal de sua pregação era: "Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus" (1Jo 4:7). Essa mudança não foi operada com base no esforço pessoal, mas na contemplação diária de Cristo. Podemos imaginar o grande pastor que foi João ao regressar para a cidade de Éfeso e ali cuidar carinhosamente de suas ovelhas. Jesus o amava muito (Jo 20:2, 7, 20)!

O maior cuidado que o missionário deve ter, em contato com os "peixes" que necessitam da água da vida, é não permitir que maus traços de caráter atrapalhem sua pregação. O amor é requisito principal no trato com quem não possui conhecimento do evangelho. As pessoas lerão nossos atos mais que nossas palavras. Por isso, nossos atos devem estar repletos de amor. Lembre-se de que "o mais forte argumento em favor do evangelho é um cristão que sabe amar e é amável." João conquistou muitas pessoas ao longo do seu ministério. Nós também podemos alcançar sua marca. "Se nos humilhássemos perante Deus, e fôssemos bondosos, corteses, compassivos e piedosos, haveria uma centena de conversões à verdade

onde agora há apenas uma." O amor em prática é o mais espetacular programa de evangelização.

IV. O testemunho de João

Após a ascensão de Cristo, depois de ser capacitado pelo Espírito Santo em Jerusalém, esse apóstolo empreendeu forte investida missionária naquela cidade (Cf. At 3:1), de maneira ousada e não se intimidando com as dificuldades para a pregação do evangelho (4:19). É provável que ele estivesse entre os anciãos e apóstolos que viveram em Jerusalém por longo tempo (At 16:4; Gl 2:9) e, com sua pregação, "as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número" (At 16:5). A preocupação primária de João era o que ele próprio havia registrado das palavras de Jesus em João 3:16: a conquista do maior número de pessoas para a vida eterna. Juntamente com Pedro, João se dirigiu a Samaria para ajudar Filipe (8:14). O martírio de seu irmão Tiago (At 12:2) por volta de 44 d.C., a mando do rei Herodes, não limitou a influência de sua pregação. Ao contrário, "sua mensagem teve grande influência em estabelecer o fato de que Jesus é o Messias, o Redentor do mundo. Ninguém poderia duvidar de sua sinceridade e, através de seus ensinamentos, muitos foram levados a deixar a incredulidade." Nos momentos de maior dificuldade para a igreja que Cristo lhe confiou às mãos, ele declarava "com poder e eloquência a história do Salvador crucificado e ressurgido. Mantinha firmemente a fé, e de seus lábios brotava sempre a mesma alegre mensagem: 'O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida... o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos' (1Jo 1:1-3)."

H.S. Vigevano disse que, se alguém deseja aprender teologia, terá que ler as cartas de Paulo; se quiser saber de ética, a de Tiago, mas se alguém deseja aprender tudo a respeito do amor, terá que ler os escritos de João. Sua técnica de evangelismo e missão era singular. Seu estilo de pregação era baseado no amor, como resultado de uma natureza amorosa adquirida na convivência com Jesus. Um dos temas em destaque nos seus escritos é o amor, como demonstrado na conhecida citação de 1 João 4:8. O raciocínio é: se Deus é amor, então, a natureza de Deus é amorosa e se revela através da bondade, compreensão, paciência, etc. Natureza espiritual é, portanto, sinônimo de natureza amorosa. Quanto mais amorosa for nossa natureza, tanto mais seremos de natureza espiritual. Alguns só se sentem espirituais quando se vêem sem cometer atos pecaminosos. Em geral, relacionam crescimento espiritual com ausência de atos pecaminosos. Contudo, na Bíblia vemos que o desenvolvimento espiritual está relacionado com o desenvolvimento da natureza amorosa como é apresentada em 1 Coríntios 13:4-8. A perfeição cristã está baseada no amor incondicional ao próximo (Mt 5:43-48; Cl 3:12-14). Esse amor levará o cristão a buscar as pessoas que estão perdidas para experimentar o mesmo que ele experimentou em Cristo. "Aquele que mais ama a Cristo, maior soma de bem fará."

João demonstra seu estilo de evangelização no desenvolvimento prático de sua natureza amorosa (Jo 5:42; 13:35; 15:9-10, 13; 17:26; 1Jo 2:5; 3:1, 16, 17; 4:7; 9, 10, 12, 16, 18; 5:3; 2Jo 1:3, 6; 3Jo 1:6). Ele procura destacar o cristianismo prático ao mostrar, por exemplo, como Jesus tratou a mulher adúltera (Jo 8:1-11).

Sem dúvida a maior contribuição de João foi seu evangelho. Contudo, a partir do Iluminismo (séc. 18) surgiu a crença de que o Evangelho de João começou a se deteriorar. O Evangelho perde o *status* de ser o mais confiável a partir de estudos feitos nos evangelhos sinóticos, em que se estabelecem diferenças consideráveis entre eles. Tanto a data de seus escritos quanto sua autoria foram rejeitadas por respeitados teólogos liberais nos séc. 19 e 20. Em decorrência de estudos feitos por estes eruditos, seu conteúdo fora considerado um mito, ou fenômeno da história religiosa de determinada época no passado. Sua mensagem foi interpretada do ponto de vista da filosofia grega. A metade do século 20 conheceu o maior rival do Evangelho de João, aquele que mais ataques consistentes fez contra este Evangelho: O erudito Rudolf Bultmann. Em seu comentário exegético intitulado *The Gospel of John* (considerado como o monumento a erudição neotestamentário entre os acadêmicos da época), de 1941, Bultmann se concentrou em explicar que o Evangelho teve mais de um autor, os milagres contidos nele não eram reais, além de definir como o Jesus histórico se transformou no Jesus da fé no contexto gnóstico, ou seja, o Cristo como conhecemos no Evangelho de João foi reduzido a um simples homem com capacidades extraordinárias, porém sem a ênfase na divindade, que é o tema central deste Evangelho. O conteúdo do evangelho, na verdade teria sido produzido num contexto gnóstico e classificado como tal. Desse modo, o Evangelho de João foi reduzido a nada.

Não obstante, Deus fez com que fosse ressuscitada a confiabilidade do quarto Evangelho por meio de achados arqueológicos de grande relevância, que colocaram em total descrédito todos os sofisticados argumentos de Bultmann e de outros eruditos. Bultmann assegurou que o Evangelho de João fora produzido por volta do 2º século d.C. Entretanto, um fragmento de papiro intitulado P52 (contendo apenas Jo 18:31-33) encontrado no Egito em 1920, foi datado, por meio de sofisticados recursos paleográficos, por volta de 125 a.D., data anterior à que propunha Bultmann. Se esse papiro que era cópia de cópia de

seu original fora datado de 125 a.D., então o original foi escrito por volta do ano 100 (d.C.), tempo em que João ainda era vivo; o que fortaleceu a crença na autoria e autenticidade desse Evangelho. Outro argumento de Bultmann, de que o Evangelho de João encontra sua origem no gnosticismo, foi colocado por terra com base em outros achados arqueológicos. Estes asseguravam que as idéias gnósticas eram posteriores ao 2º século. Portanto, o Evangelho de João não podia estar baseado no gnosticismo, uma vez que este fora criado em data posterior à sua composição. Outros achados arqueológicos trazem este evangelho para mais perto do 1º século d.C. Hoje, a autenticidade deste evangelho bem como sua autoria por João são reconhecidas por estudiosos de vanguarda do séc. 20.

João foi um ativo missionário, e o Evangelho escrito por ele é um instrumento missionário com dupla ênfase: (1) levar Cristo aos seus leitores e (2) fortalecer a fé dos cristãos posteriores a Jesus, que não tiveram a oportunidade de conhecê-Lo pessoalmente. O propósito do evangelho encontra-se em João 20:30-31. Com a destruição de Jerusalém (70 d.C.), e como a intensificação do debate entre os discípulos e as autoridades das sinagogas tivesse alcançado um estágio crítico por volta de 85 d.C., e quando uma das orações no culto das sinagogas foi modificada para excluir definitivamente os seguidores de Jesus (conhecido como *Birkath Raminim*), João publicou seu evangelho para que os leitores pudessem crer "que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo", pudessem ter "vida em Seu nome" (Jo 20:31). João escreveu, portanto, para judeus que aceitavam a Cristo, que eram expulsos das sinagogas e perseguidos pela comunidade judaica. Paroschi lembra que João escreveu para uma segunda geração de crentes que não viram Jesus e que passava por uma forte crise capaz de abalar a fé em Jesus. Por isso, João escreveu seu evangelho de modo diferente dos outros evangelistas. Nos evangelhos sinóticos, Cristo é visto tocando as pessoas, ao passo que no quarto evangelho isso ocorre só uma vez. O evangelho começa com a Palavra e se desenvolve com a Palavra. Isso ocorre porque João escrevia para uma geração que não teria o "toque" de Jesus (Sua presença). Por isso, João apresentou Jesus no seu evangelho declarando que Sua palavra é tão poderosa quanto Sua presença.

No conteúdo do seu evangelho, ele demonstrou a cristologia latente, que é o centro do evangelho. E o ponto central dessa cristologia é a pessoa de Jesus e não o que Ele fez. No prólogo, destaca-se o tema sobre o *Logos*, cuja melhor tradução (segundo o professor Wilson Paroschi) deveria ser "Palavra" e não "Verbo". João não usa o termo *hema* ("palavra") porque esse termo não era comum entre os gregos, mas *logos*, sim. Quando os gregos queriam explicar a imanência dos deuses para a transcendência, eles usavam *logos*. Contudo, ao identificar Jesus como o *Logos*, ele não estava pensando no *logos* como usado pelos gregos, mesmo porque eles não concebiam a idéia de um deus encarnado. A identificação de Jesus como o *Logos* não tem conotação filosófica, mas teológica. O evangelho de Mateus começa com o nascimento de Jesus, o de Marcos, com o batismo de Jesus e o de Lucas inicia com a anunciação antes do nascimento. Entretanto, João começa com o princípio de todas as coisas: a criação em Gênesis 1:1. Ele declara que o *Logos* é anterior ao princípio, ou seja, no princípio o *Logos* já existia, sendo, portanto, incriado; e este é Jesus que tudo criou (Jo 1:1-3). João apresenta Jesus como sendo tão divino quanto o Pai (Jo 1:1, 14, 18; 6:46; 10:33; 8:55-59; 20:28; 1Jo 5:20). Não precisamos perguntar a João se Jesus era divino, pois João afirma que Jesus é o próprio Deus.

V. Doador da vida

Depois de ter contemplado a transfiguração de Jesus entre Elias e Moisés (Lc 9:28-36), João ficou ofendido ao vê-Lo ser maltratado pelos samaritanos. "Tiago e João, mensageiros de Cristo, ficaram muito ressentidos ante o insulto feito a seu Senhor. Encheram-se de indignação por verem-no tão rudemente tratado pelos samaritanos." Eles não concebiam a idéia de Cristo ter sido tão grandemente desonrado e questionaram a Cristo se Ele desejava que o destino dos samaritanos fosse a destruição pelo fogo como Elias havia feito no passado com os soldados de Acázias (2Rs 1:10-14). A resposta de Cristo foi a do Professor ensinando a Seus missionários como tratar os que rejeitam o evangelho: "O Filho do homem não veio para destruir a vida dos homens, mas para salvá-los" (Lc 9:56, NVI), pois "não faz parte da missão de Cristo obrigar os homens a recebê-Lo. (...) Cristo está sempre mostrando misericórdia, sempre procurando conquistar mediante a revelação de Seu amor. (...) deseja apenas o serviço voluntário, a espontânea entrega do coração constrangido pelo amor. Não há mais conclusiva prova de possuímos o espírito de Satanás, do que a disposição de causar dano e destruir os que não apreciam nossa obra, ou procedem em contrário a nossas idéias."

Logo em seguida a esse episódio, Jesus designou os setenta e os enviou a pregar a mensagem exatamente para aqueles que O haviam rejeitado, como prova do Seu amor pelos samaritanos (Lc 10:1-16). "As instruções transmitidas aos setenta, eram idênticas às comunicadas aos Doze; mas a ordem dada aos Doze, de não entrar em cidade de gentios ou de samaritanos, não foi repetida aos setenta. Embora Cristo houvesse sido repellido pelos samaritanos, permaneceu inalterável Seu amor para com eles. Quando os setenta se foram, em Seu nome visitaram, antes de tudo, as cidades de Samaria." João não só compreendeu a lição, mas a atitude de Cristo serviu para desenvolver em seu coração a mesma natureza amorosa (sustentáculo de sua missão) que há no coração de seu Mestre.

João passou a compreender melhor a questão morte/vida ao presenciar e relatar a ressurreição de Lázaro (Jo 11), por meio daquele que tem "vida em Si mesmo" (Jo 5:26) e é capaz de "vificar aqueles a quem quer" (5:21), com "vida... em abundância" (10:10).

A visão judaica de vida eterna diferia da apresentada por Jesus (Jo 5:39). Os judeus acreditavam que o conhecimento da Torá era o fator que promovia a vida (uma vida terrenal abundante, de uma era vindoura terrena). Contudo, Cristo ampliou este conceito de vida eterna não a limitando à concepção terrestre (5:40), mas celestial (muito embora a vida eterna tenha seu início com a aceitação de Cristo no coração do ser humano enquanto ainda está na Terra (Cf. 11:25-26). Ele assegurou que aquele que nEle crê ainda nesta vida temporal e O aceita com seu salvador pessoal, já antecipa a vida eterna (Jo 5:24) a ser concedida em um futuro próximo (5:28-29). Segundo Dodd, a ressurreição de que falou Jesus é algo que pode se realizar antes da morte corporal, e tem como resultado a posse da vida eterna aqui e agora. Ele comenta de maneira significativa que o milagre da ressurreição corporal de Lázaro, que antecipa a ressurreição final, é um símbolo da ressurreição real, pela qual a pessoa passará da mera existência física, que é morta, para a vida real, que é a eterna (Cf. Dt 4:4). O melhor é fazer uso da vida que Deus nos deu de modo a glorificar Seu nome, ainda que seja necessário doá-la ao martírio como testemunha em favor da verdade, como muitos fizeram no passado (Hb 11:35-38). Deus a devolverá a todos os fiéis (Jo 12:25; 5:29; 6:51, 58; 10:28; 11:26).

João compreendeu a questão morte/vida mais do que qualquer outro evangelista. No seu evangelho, este tema é bem característico. Ele é o evangelista que mais bem descreve a morte e a ressurreição do próprio Cristo, para que sirvam de exemplo de que o fiel seguidor de Cristo tem a garantia da vida eterna. O próprio João não hesitou, ao ser convidado a depor a vida em favor de Cristo. Tendo sido sentenciado à morte por Domiciano num caldeirão de azeite fervente, aquelas que seriam suas últimas palavras antes da morte foram registradas pela inspiração: "Meu Mestre Se submeteu pacientemente a tudo quanto Satanás e seus anjos puderam inventar para humilhá-Lo e torturá-Lo. Ele deu a vida para salvar o mundo. Considero uma honra o ser-me permitido sofrer por Seu amor. Sou um homem pecador e fraco. Cristo era santo, inocente, incontaminado. Não pecou nem se achou engano em Sua boca." Mas, a exemplo dos três amigos de Daniel na fornalha ardente (Dn 3:22-26, 28-30), João também foi poupado para mostrar ao mundo o poder de Deus e confortar o coração dos cristãos com o livro do Apocalipse, bem como com o mais interessante dos evangelhos. De fato, o abismo entre nossa breve existência e a perspectiva da eternidade não é tão imenso quando temos a segurança de vida em Jesus. Como demonstra João (no episódio da ressurreição de Lázaro), a morte é apenas um sono que será interrompido por Jesus na manhã da ressurreição.

VI. Tempo de comunhão com Jesus

Ao contrário do que foi visto no tempo do início do seu chamado, em que ele era conhecido como "filho do trovão", durante seu convívio com Jesus, após ter sido influenciado por Ele, João apresentou um caráter transformado. Aparentemente, João parece apresentar uma relação de companheirismo com Jesus maior do que as dos demais apóstolos, pois só para ele foi dirigida a declaração de que Jesus o amava (Jo 21:20). Essa transformação se deveu ao fato de que João estava em tempo integral com Jesus. Constantemente presenciamos nos Evangelhos Jesus convidando João, Pedro e Tiago para buscarem a Deus mais intimamente por meio da oração (Mc 14:33). "Dia a dia, em contraste com seu próprio espírito violento, ele contemplava a ternura e longanimidade de Jesus, e aprendia-Lhe as lições de humildade e paciência. Abriu o coração à divina influência, e se tornou não somente ouvinte, mas cumpridor das palavras do Mestre. (...) Contemplando a Cristo, [transformou-se] no caráter."

A mudança de João não se deu repentinamente. João estava sempre com Jesus; presente no milagre da ressurreição da filha de Jairo (Lc 8:49-56), no monte da transfiguração (Mt 17:1-2), no Jardim do Getsêmani (Mt 26:36-45), próximo no Seu julgamento (Jo 18:15), na ressurreição de Jesus. João foi o primeiro a chegar ao sepulcro (Jo 20:1-4). O apóstolo colocou-se em posição de transformação. Ele estava sempre próximo de Cristo. Essa é a obra de santificação da qual João é exemplo para todos nós. Estar sempre próximo de Jesus, indicando intimidade com Ele. Foi por causa dessa intimidade que Jesus lhe revelou as coisas mais íntimas para Sua igreja, o futuro dela por meio das revelações do Apocalipse. Jesus Se revela àqueles que Lhe são mais íntimos.

É possível para qualquer pessoa ser transformada. Essa transformação tem uma razão específica: motivar a pessoa a realizar o mesmo trabalho que João fazia pelas pessoas carentes de Jesus. "É o perfume de nosso amor aos semelhantes o que revela nosso amor a Deus."

Podemos nos relacionar intimamente com Jesus mesmo em meio às dificuldades. Todo obstáculo é um convite à oração. Quando estava só e isolado, em lugar de reclamar pela dificuldade em que se encontrava, João manteve "entre as rochas e recifes de Patmos... comunhão com seu Criador. Recapitulou

sua vida passada e ao pensamento das bênçãos que havia recebido, a paz encheu-lhe o coração. Ele vivera a vida de um cristão, e pudera dizer com fé: "Sabemos que passamos da morte para a vida" (1Jo 3:14). (...) Em seu isolado lar, João estava habilitado a estudar mais intimamente do que nunca as manifestações do poder divino como reveladas no livro da natureza e nas páginas da inspiração."

Toda oportunidade que o cristão tiver, deve ser dedicada à comunhão com Deus.

O momento de descanso do missionário, deve ser o de preparo para elaborar estratégias para beneficiar a igreja. "Quando sua voz não mais podia testificar dAquele a quem amara e servira, as mensagens que foram dadas nessa costa desolada deviam avançar como uma lâmpada que arde, declarando o seguro propósito do Senhor concernente a cada nação da Terra." De Patmos surge um dos mais significativos livros para a igreja cristã: o Apocalipse. O cristão comprometido com Jesus é incansável e aproveita toda oportunidade para testemunhar de Jesus, mesmo em meio a momentos nada favoráveis. Mesmo na condição de prisioneiro, João não desperdiçou a oportunidade de pregar o evangelho que o tinha levado para aquela ilha. "Embora banido das cenas de seus primeiros labores, ele não cessou de dar testemunho da verdade. Mesmo em Patmos, fez amigos e conversos."

São extremamente significativas as palavras da revelação:

A obra de transformação da impiedade para a santidade é contínua. Dia a dia, Deus opera para a santificação do homem, e o homem deve cooperar com Ele, desenvolvendo perseverantes esforços para o cultivo de hábitos corretos. Deve acrescentar graça à graça; e assim procedendo num plano de adição, Deus opera por ele num plano de multiplicação.

Conclusão

João sofreu perseguição por causa do Evangelho que escreveu e pregou (Ap 1:9). Quando as autoridades tentavam silenciá-lo, ele respondia: "Nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos" (At 4:20). Após suceder cruéis perseguidores do cristianismo, o imperador Domiciano chegou ao poder de Roma em 81 d.C. com a mesma visão. Declarando-se a si próprio como divino, recusando-se a dividir sua divindade com qualquer outro ser humano. Assim, ele começou a perseguição aos cristãos por volta de 95 a.D. Segundo o testemunho de Tertuliano (155 - 222 d.C.), foi nesse contexto que Domiciano, que já havia mandado matar seu próprio primo cristão Clemente, cheio de ira por não poder contrafazer seus argumentos em favor da verdade, primeiro tentou assassinar o apóstolo João mergulhando-o em azeite fervente, e em seguida o exilou para a ilha de Patmos, quanto o apóstolo estava com cerca de 85 anos de idade.

Felizmente, Deus ainda tinha muito o que fazer por Sua igreja através desse fiel missionário. Enquanto ele estava isolado em Patmos, "havia muitos que o consideravam como tendo passado do tempo de serviço, um caniço velho e quebrado, pronto para cair a qualquer momento. Mas o Senhor achou próprio usá-lo ainda."

João aponta para uma nova perseguição que se desencadeará entre nós (Ap 13:15). É bem verdade que "mediante provas e perseguições, a glória – o caráter – de Deus se revela em Seus escolhidos." Todavia, ela talvez não venha sem que antes intensifiquemos a pregação do evangelho. Ellen White, com idade aproximada a de João por ocasião de seu exílio, e após enviar uma carta em 11 de junho de 1909 ao então presidente da Associação Geral, o Pr. A. G. Daniells, pedindo que ele planejasse a obra de evangelismo e não obtendo respostas positivas, ela mesma realizou em 1910, aos 82 anos de idade, vários evangelismos em cidades ao leste dos EUA. Daniells pediu dispensa de campais e viagens para Austrália a fim de realizar campanhas evangelísticas. Ela aponta para uma futura perseguição, mas não sem antes de a igreja empenhar-se na missão. Ela adverte: "O apóstolo Paulo declara que "todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições" (2 Tm 3:12). Por que é, pois, que a perseguição, em grande parte, parece adormentada? A única razão é que a igreja se conformou com a norma do mundo, e portanto não suscita oposição." A oposição aqui mencionada é consequência da pregação da verdade que só nós possuímos. É lamentável que alguns julguem que todo o mundo já foi alcançado com o evangelho, ou que já tenha passado a época desse tipo de investida missionária. Se assim pensarmos, "o trabalho que a igreja tem deixado de fazer em tempo de paz e prosperidade terá que ser realizado em terrível crise, sob as circunstâncias mais desanimadoras e difíceis." Portanto, a exemplo do apóstolo João, aproveitemos toda oportunidade para pregar o "evangelho eterno" (Ap 14:6).

João foi considerado pelos eruditos fariseus como homem sem cultura, sem letras, por não ter recebido treinamento acadêmico dos rabinos (At 4:13). Contudo, ao pregar, os assim chamados letrados reconheciam que ele estivera com Jesus (At 4:13). Alguns pensam que somente os afeitos às letras têm a

habilidade necessária para a pregação do Evangelho. João é uma prova consistente de que todos podem ser usados por Deus para quebrar as barreiras que impedem a missão. Cristo só precisa daqueles que, como João, se assentem com Ele em íntima comunhão para receber o Espírito Santo e falar ousadamente a respeito dEle, enquanto é tempo de paz.

Referências

- C. M. Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998), 53
- R. N. Champlin, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* (São Paulo: Candeia, 1997), 3:541.
- J. B. Douglas, *Novo Dicionário da Bíblia* (São Paulo: Vida Nova, 1997), 1:830.
- White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 138. Doravante DTN.
- DTN, 138-139.
- *Ibid.*, 831.
- Ellen White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994), 569. Doravante AA.
- Roy A. Anderson, *Revelações do Apocalipse* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), 12.
- Maxwell, 54.
- H. S. Vigeveno, *13 Homens que Mudaram o Mundo* (São Paulo: Luz do Evangelho, 1976), 53.
- Champlin, 542.
- Molholland, *Marcos; Introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova, 2003), 43.
- DTN, 249.
- DTN, 250.
- DTN, 251.
- Molholland, 44.
- DTN, 292.
- *Ibid.*
- DTN, 195.
- F. F. Bruce, *João, introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova, 2005), 14.
- DTN, 295.
- Maxwell, 51.
- DTN, 251.
- White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 555.
- Ellen White, *Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), 470.
- Ellen White, *Beneficência Social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), 86.
- AA, 569.
- AA, 568-569.
- Vigeveno, 51.
- DTN, 250.
- D. A. Carson, *O Comentário de João* (São Paulo: Shedd Publicações, 2007), 69.
- Cf. Bruce, 25; David J. Bosch, *Missão Transformadora; Mudanças de Paradigmas na Teologia da Missão* (São Leopoldo, RJ: Sinodal, 2007), 70.
- DTN, 487.
- DTN, 487.
- DTN, 488.
- Charles H. Dodd, *A Interpretação do Quarto Evangelho* (São Paulo: Teológica, 2003), 198.
- Dodd, 200.
- AA, 570.
- DTN, 295-296.
- AA, 560.
- AA, 571.
- *Ibid.*
- AA, 573.
- AA, 532.
- Maxwell, 54.
- AA, 569.
- Tertulian, *On Prescription Against Heretics*, 36. Cf. Prescrição Contra Hereges, XXXVI, Ante Nicene Fathers III, 260; Cf. Ellen White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998), 53.
- AA, 572-573.
- AA, 576.
- Ellen White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998), 159. Doravante SC.
- SC, 158.

